



CINEMA ODEON

PAREDES COM HISTÓRIA

FOI PENSADO PARA SER UM TEATRO, ACABOU POR TRANSFORMAR-SE EM CINEMA E TERMINOU OS SEUS DIAS A PASSAR PORNOGRAFIA. DEPOIS DE 20 ANOS FECHADO AO PÚBLICO, O CINEMA ODEON, EM LISBOA, VAI GANHAR UMA NOVA VIDA. IMERGIMOS NA SUA HISTÓRIA E FOMOS CONHECER O PROJETO E O HOMEM QUE CONTINUA A OLHAR PELO EDIFÍCIO HÁ MAIS DE 60 ANOS.

Por MARTA TALHÃO.



O teto em forma de quilha de navio, em pau-brasil, é um dos *ex-libris* do edifício. Subindo ao primeiro piso, e mesmo por entre as ruínas, a vista sobre o palco com moldura e frontão Art Déco é imponente.

UM CINEMA COM MUITAS VIDAS

A 20 de setembro de 1927, o *Diário de Lisboa* contava a todos as boas-novas, celebrando a inauguração do muito esperado cinema Odeon. “O cinema progride. Lisboa progride. De amanhã em diante, os amadores de cinema contam com uma nova casa de espetáculos, sumptuosa, elegante, confortável. É o Odeon. O novo cinema, que se ergue em frente do Olympia, veio dar à Rua dos Condes um aspecto imponente de artéria moderna”, podia ler-se na publicação. No dia seguinte, a inauguração decorreu com a projeção de *A Viúva Alegre*, na versão de Erich Von Stroheim, com Mae Murray e John Gilbert nos principais papéis. A acompanhar o filme, numa altura em que imperava o cinema mudo, esteve uma orquestra de 15 elementos liderada por René Bohet.

Na verdade, o cinema Odeon começou por ser idealizado como um teatro, mas o projeto original, datado de 1923, e com uma forte influência da escola Beaux-Arts, foi alterado para dar lugar a um edifício mais moderno para os padrões da altura, ao estilo Art Déco — talvez por isso tenha caído o nome inicial, Ibéria, e se tenha optado por Odeon, nome de uma das maiores cadeias de cinemas britânicas. Com capacidade para 691 espetadores, distribuídos pela plateia, dois balcões e camarotes, a imponente sala do Odeon destacava-se pelo teto em forma de quilha de navio, em madeira pau-brasil, pelo palco com moldura e frontão em relevo Art Déco e pelos camarotes, onde Salazar tinha lugar cativo. Hoje, e mesmo após décadas de abandono, muitas destas características — únicas em qualquer edifício do género existente em Portugal — ainda se mantêm.

O cinema Odeon foi construído no lugar onde anteriormente existia a drogeria Ferreira, um importante estabelecimento comercial fundado em 1755, no contexto da reconstrução pombalina da cidade de Lisboa posterior ao terramoto. Ao seu lado encontrava-se o Theatro da Rua dos Condes, que mais tarde viria a transformar-se no Cinema Condes (atual edifício do Hard Rock Café). A localização do Odeon não foi, de resto, escolhida ao acaso, integrando-se

numa zona da cidade tradicionalmente associada a casas de espetáculos. Numa área relativamente pequena, encontravam-se, entre outros, o cinema Olympia, o cinema Éden, o cineteatro Tivoli, o Coliseu dos Recreios, o Parque Mayer, o Teatro Politeama ou o Teatro D.^a Maria II.

Pela tela do cinema Odeon, passaram, ao longo dos anos, muitos clássicos da Sétima Arte, primeiro do cinema mudo e, posteriormente, do cinema sonoro, incluindo filmes de realizadores como Fritz Lang, Sergei Eisenstein, George Cukor ou Frank Capra — a partir dos anos 50, o cinema de língua espanhola tornou-se dominante. No entanto, e apesar de o cinema ter ocupado sempre o lugar principal, pelo palco do Odeon passaram também muitos atores e cantores de renome, como Laura Alves, Hermínia Silva e António Calvário, que protagonizaram peças de teatro radiofónico. O período áureo do Odeon, bem como de muitos outros cinemas, deu-se entre as décadas de 40 e 60. Em 1964, por exemplo, o êxito da estreia de *Uma Hora de Amor*, com António Calvário e Madalena Iglésias, foi tão grande que acabou por motivar um insólito pedido por parte da Presidência da República, como pode ler-se num documento do Instituto Camões: “Tantos foram os admiradores que os quiseram ver [aos atores] na noite de estreia do filme, que a Presidência da República alertou os responsáveis do cinema Odeon, mítica sala de espetáculos onde, por norma, se exibiam melodramas portugueses, espanhóis e mexicanos (...), para o facto de nunca em Portugal deverem concentrar-se mais pessoas, fosse para que evento fosse, em número superior ao verificado aquando de qualquer presença pública do Chefe de Estado, na época, o Almirante Américo Thomaz.”

Depois de um período de muitos sucessos, o cinema Odeon foi, gradualmente, perdendo audiência, acabando os seus dias a passar filmes pornográficos, à semelhança do que aconteceu com cinemas como o Capitólio ou o Olympia. Em 1997, fechou definitivamente portas, sendo votado ao abandono durante as décadas seguintes. Entre 2004 e 2009, o Odeon esteve em vias de ser classificado como Imóvel de Interesse Público, mas o processo acabou por ser arquivado. Hoje, após muitas petições e especulação, o Odeon vai finalmente conhecer um novo destino (ver páginas seguintes).

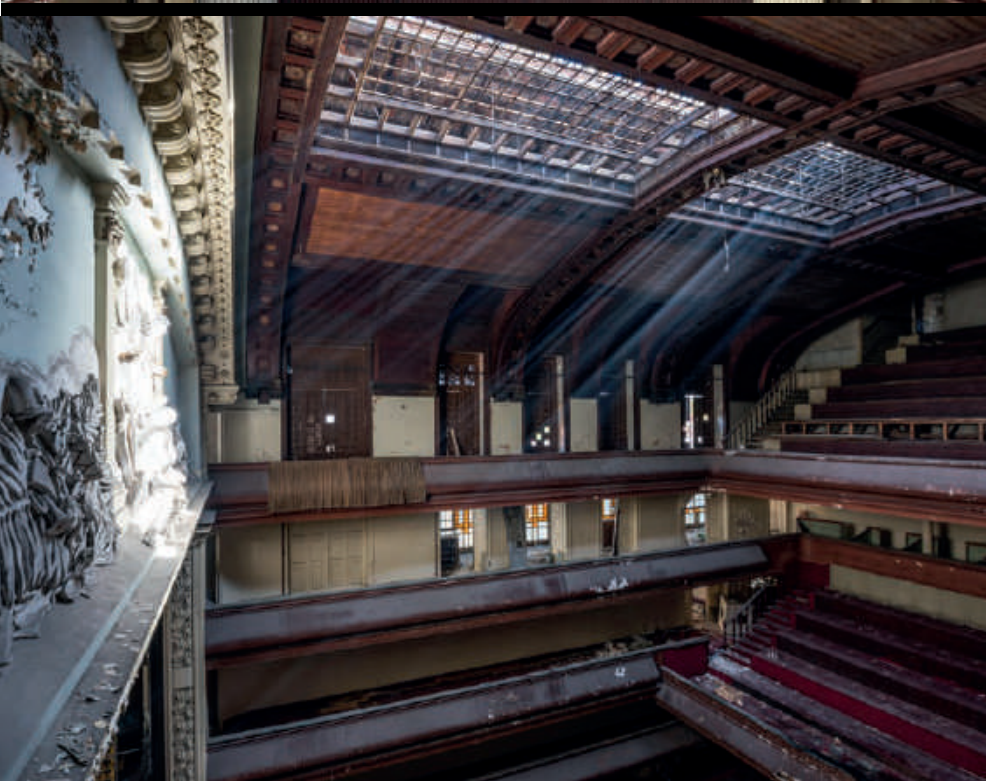
ENTRE RUÍNAS

O editorial de moda da edição de abril de 2016 da *GQ Portugal* foi fotografado no Odeon. Com um mood neoromântico chique e protagonizada pelo modelo de renome mundial Jarrod Scott, a produção evidenciou a enorme beleza do antigo cinema, que, mesmo em ruínas, manteve o encanto de outrora.





Várias perspectivas do palco, com o frontão Art Déco sempre em grande destaque, e das zonas de acesso aos assentos e camarotes. Em baixo, à direita, o antigo escritório onde ainda se guardam muitos documentos antigos, a grande maioria já deteriorados pela passagem do tempo.



PATRIMÓNIO



Vista interior da imponente marquise do Odeon, que dá para a Rua Condes.





Em baixo, Artur Martins, o guardião do cinema. À esquerda, cartaz do filme *La Novia*, que motivou o seu casamento.



O GUARDIÃO DO CINEMA

Todos as manhãs, mais ou menos por volta das 10h30, o Sr. Martins abre uma das portas do antigo cinema Odeon, onde se encontra o seu escritório improvisado. Ali permanece durante todo o dia, até meio da tarde, altura em que regressa, de comboio, à Amadora, zona onde reside desde que se casou, há 54 anos. Hoje com 76 anos, o Sr. Martins, que na, verdade, se chama Artur Martins de Almeida (o apelido Almeida era muito comum na sua juventude e os amigos acabaram por adotar Martins), é a única pessoa que resta dos tempos áureos do cinema Odeon. Prometeu olhar pelo edifício e é isso que tem feito todos os dias desde que o cinema fechou ao público, em 1997.

Numa manhã fria, encontrámo-nos com o Sr. Martins para ouvir a sua história e demos por nós embrenhados num tempo mágico que já não foi o nosso, o tempo em que os cinemas e teatros de rua pautavam a vida em sociedade. Artur Martins tinha apenas 12 anos quando chegou ao Odeon por influência do seu tio. “O meu pai tinha morrido e, para não me tornar menino de rua, o meu tio fez um pedido e eu entrei aqui como estafeta”, conta, de forma simples. Na altura, recorda, a sua tarefa era entregar cartas nos correios e transportar o jornal de atualidades francesas, o *Pathé*, cuja cópia única circulava entre os vários cinemas da zona.

Mais tarde, “conforme os anos foram passando”, Artur foi estudar, tirou o curso industrial de eletricitista e acabou por ingressar na cabine do cinema Odeon como ajudante de projecionista. Nessa altura, recorda, eram feitas três exhibições cinematográficas por dia (duas durante a tarde, as *matinéas*, e uma à noite) e o cinema de língua espanhola era o prato forte do Odeon — o Sr. Martins recorda com saudosismo os tempos de atores como Joselito, Marisol, Lola Flores, Carmen Sevilla, Imperio Argentina ou Pedro Infante. “Na altura, passei

tantas vezes o filme *La Novia*, com o Antonio Prieto, que acabei por casar-me com aquela que é hoje a minha mulher, a Arminda, que trabalhava nos bares do cinema Tivoli. Éramos dois putos, mas com medo que houvesse um artista que ma pudesse roubar, eu casei-me depressa”, conta, rematando a história com uma sonora gargalhada. À medida que a sua carreira como projecionista foi avançando, Artur começou a acumular trabalhos. “Ia também ao Éden e ao Olympia passar filmes. Os ordenados daquele tempo hoje pode dizer-se que são ridículos, mas eu sentia-me bem pago porque tinha três ordenados, que me davam cerca de 5 mil escudos por mês, quando as pessoas ganhavam 2 ou 3 mil. Mas eu era mentiroso e dizia que trabalhava 16 horas quando só trabalhava dez”, recorda, atirando mais uma das suas características gargalhadas.

Artur fala com notório orgulho do Odeon e dos seus tempos de projecionista, mas a voz começa a embargar assim que recorda o período mais difícil entre as paredes do antigo cinema. “Uma grande tristeza que tive na minha vida foi quando o Odeon começou a passar filmes pornográficos. Deixou os filmes de qualidade para passar filmes, desculpe o termo, para tarados. Mais tarde, para além da fotografia, até fizeram sexo ao vivo no palco. Foi uma tristeza muito grande e o período mais complicado que passei ali”, lembra. No entanto, e mesmo nesses anos mais negros, Artur nunca arredou pé do edifício que já se tinha tornado a sua segunda casa.

Não o fez nessa altura e continuou sem fazê-lo durante os anos posteriores ao encerramento do Odeon, assistindo diariamente à sua deterioração. “Continuo aqui porque me pediram para olhar pelo edifício. E talvez seja pelo carinho e amor que tenho por ele. Cada pancada que dão no Odeon, estão a ferir-me e fico triste em vê-lo desta forma, mas vou-me mantendo por aqui enquanto precisarem de mim”, diz. Já lá vão 64 anos.

A REABILITAÇÃO

Desde que foi encerrado, o cinema Odeon entrou num irreversível processo de abandono e deterioração. Devido à falta de manutenção e às infiltrações vindas da cobertura, os pavimentos de madeira da zona central e do palco estão apodrecidos, a estrutura metálica encontra-se oxidada e são muitas as paredes interiores destruídas. No entanto, e mesmo sem as cadeiras, as poltronas, os candeeiros ou os mecanismos de projeção, entretanto vendidos, o edifício mantém intactas algumas das características que fazem dele um dos melhores exemplos da arquitetura do cinema do início do século XX na cidade de Lisboa.

Talvez por esse motivo, ao longo dos últimos 20 anos, foram muitos os interessados em dar uma nova vida ao Odeon, desde Paulo Branco a Filipe La Féria, passando pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Mais recentemente, a Câmara Municipal de Lisboa chegou a dar parecer positivo a um polémico projeto que pretendia transformar o Odeon num centro comercial. Abandonada essa ideia, o antigo cinema está agora nas mãos de Julien Dufour e Jorge Capelo, os donos da imobiliária Odeon Properties (já explicaremos a “coincidência” do nome).

“Estou apaixonado por este edifício. A primeira vez que entrámos no Odeon ficámos realmente fascinados. E desde o primeiro dia, quando falámos com o arquiteto [Samuel Torres de Carvalho], explicámos-lhe que queríamos primeiro ‘ouvir’ o que o edifício tinha a dizer e só depois adaptar o projeto às suas características e à alma deste lugar. Esforçámo-nos em todos os mais pequenos detalhes para tornar este um projeto único”, explica o francês Julien Dufour, a viver há cerca de três anos em Lisboa. O projeto, que deverá começar a ser executado dentro de alguns meses, passa, essencialmente, por transformar o Odeon num restaurante “acessível para todos”, ao qual se juntam alguns apartamentos nas laterais do edifício. “É importante dizer que

o espírito do edifício vai ser completamente mantido, assim como o *mezzanine* e o palco”, completa o empresário francês.

Para o português Jorge Capelo, a viver em Lisboa há 40 anos, este é um “um edifício belíssimo e emblemático” que merece todo o respeito. O que não significa necessariamente transformá-lo novamente em teatro ou cinema. “O edifício está completamente destruído e não tem quaisquer condições para transformar-se num teatro, até porque não cumpre com muitos dos regulamentos atuais para esse tipo de espaços”, esclarece. No entanto, ambos os sócios garantem que o Odeon vai manter-se um local público, do qual todos os lisboetas (e não só) poderão usufruir. “O restaurante não vai ter propriamente um *chef* com três estrelas Michelin. Não vai ser muito caro, queremos que seja um sítio onde se pode ir beber uma cerveja e comer um prego. Queremos que a alma e o coração do Odeon se mantenham, para que as pessoas possam apreciá-lo”, garante Dufour, acrescentado que o restaurante deverá abrir em meados de 2018. Por isso, o palco será mantido, para que ali possam ser realizados espetáculos pontuais ou mais regulares.

Tanto Julien Dufour, como Jorge Capelo falam com inegável entusiasmo deste projeto que lhes tem consumido grande parte do seu tempo. Mas, afinal, há mesmo uma coincidência no nome da empresa? Nem por isso, conta-nos Julien. “Há dois anos e meio, nós queríamos comprar o edifício e eu telefonei ao dono e ele disse-me que o edifício estava vendido. Nessa altura, estávamos à procura de um nome para a empresa e, a determinada altura, pensámos: ‘Ok, se não conseguimos o edifício, vamos ficar com o nome [risos]. Dez meses depois, eu liguei-lhe perguntei-lhe se tínhamos mesmo perdido a oportunidade. Ele disse-nos que não e, nessa tarde, apertámos as mãos e o negócio foi feito. Isto para dizer que tínhamos tanta paixão por este edifício que decidimos dar o seu nome à nossa empresa.” No que depender deles, e se tudo correr bem, em 2018, o velhinho Odeon será finalmente devolvido à cidade de Lisboa.●



À esquerda, uma projeção do que virá a ser o restaurante, localizado na zona mais nobre do Odeon. Em cima, um exemplo do que será um dos apartamentos disponíveis para venda, situado nas laterais do edifício.